

Maria Luiza Ramos*

DRUMMOND CORTA O BARALHO**

RESUMO

Mostrando que a singularidade do poético mantém os traços coletivos que caracterizam o universo mítico, este texto focaliza o *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade, através de um código esotérico: os Arcanos Maiores do Tarot.

RÉSUMÉ

Tout en montrant que la singularité du poétique garde des traits collectifs qui caractérisent l'univers mythique, ce texte focalise le *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade, par le biais d'un code ésotérique: les Arcanes Majeurs du Tarot.

* Profa. Titular de Teoria da Literatura. FALE/UFMG (aposentada). Profa. Emérita da UFMG.

** Este texto é desenvolvimento de um trabalho apresentado na PUC/MG em 1987.

POEMA DE SETE FACES

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.
As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.
O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.
O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.
Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus,
se sabias que eu era fraco.
Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.
Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque,
botam a gente comovido como o diabo.

Carlos Drummond de Andrade, in *Fazendeiro do ar & poesia até agora*, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1955, p.9.

A magia das origens, ou, se assim o quiserem, a sabedoria dos princípios, onde se instaura o embrião do sentido, foi o que Cristo invocou, em resposta aos judeus que lhe perguntavam, com insistência, quem era ele afinal: “Isso mesmo que desde o princípio vos disse.” Esta é sem dúvida a melhor tradução para o grego – *Tên archên hó ti kai lalô hymín* – apesar de esta passagem ser considerada em algumas versões como obscura, devido à multivocidade de *archên*, que alia o poder ao princípio. Mas foi aí que Lacan se inspirou ao usar essa frase como epígrafe, juntamente com outros conselhos a jovens analistas, como o de se exercitarem em palavras cruzadas.¹

Independentemente disto, a sedução do novo, o caráter mítico de todo ato inaugural – seja o salto da criança para a vida, seja a primeira garatuja na folha branca do papel – esta circunstância já seria bastante para que eu me voltasse para o livro de estréia de Drummond, e mais do que isto: para o primeiro poema, que além da atmosfera que cerca essa publicação, traz um título esotérico: *Poema de sete faces*.² O número é aí empregado pela sua sedução cabalística, pois é evidente que não corresponde aritmeticamente aos diversos aspectos do ser que desde logo se desvela ao leitor, tão escancaradamente, aliás, que antes o que procura é revelar-se a si mesmo.

Vivendo o seu próprio teatro, na condição de espectador, mais do que na pretensa função de diretor de cena, o Poeta vê surgirem as personagens do seu mundo interior, algumas delas conscientemente assumidas, outras insuspeitadas, sob o disfarce de figuras emergentes do inconsciente coletivo:

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: *Vai, Carlos! ser gauche na vida.*

Eis-nos diante de dois registros, duas leituras que oscilam entre a singularidade do texto literário e a universalidade dos valores humanos, aqui representados por um código esotérico: os Arcanos Maiores do *Tarot*.

E é no âmbito de valores arquetípicos que se defrontam neste poema primordial algumas de suas mais interessantes caracterizações.

Apesar da semelhança entre os termos, não se confundam arquétipo e Arcano, que têm etimologias diversas: o primeiro se prende às origens, como já vimos em *archên*, enquanto o segundo deriva não do grego, mas do latim *arcanus*, de arca, lugar que serve para guardar coisas, exatamente como a nossa palavra em português. Houve, entretanto, um deslocamento do sentido, de lugar para pessoa que guarda – segredo, naturalmente. E daí para o próprio segredo, com toda a conotação de oculto que a palavra apresenta. Pois é aos Arcanos que me refiro – a esse código que teve a sua interpretação enriquecida pelos trabalhos de Jung sobre o inconsciente coletivo.

O que pretendo aqui é mostrar como, através da singularidade do poema, da irreversibilidade da sua linguagem – de sua historicidade, da efemeridade de seu aqui e agora – deparamos com a universalidade mítica, que habita o texto sem a ele se reduzir, do mesmo modo que o texto a ela não se reduz.

O conceito de arquétipo não chegou a ser formulado com clareza por Jung, como aliás sucedeu com Chomsky a respeito dos universais semânticos. Os sulcos ou engramas que, segundo a psicologia analítica, se teriam formado no cérebro através de tempos imemoriais, possibilitando a emergência de construções psicológicas recorrentes em culturas diversas, seriam da ordem do biológico? É sabido que uma das críticas à teoria do inconsciente coletivo reside num certo platonismo relativo à herança das idéias. Não pretendo discutir aqui essa questão. O fato é que, se o arquétipo é apenas uma possibilidade de sentido, essa possibilidade foi mapeada por Jung, de modo a evidenciar uma série de valores universais, que vão da Ânima e do Ânimus ao Menino divino, à Mãe dadivosa e ao seu reverso – a Mãe castradora- ao Ancião, à Viagem, e assim por diante. Os nomes são outros, mas os valores coincidem, muitas vezes, com os representados pelas cartas do Tarot. De qualquer forma, como não é objetivo deste trabalho especular sobre a natureza dos conceitos, e sim utilizá-los na medida em que iluminam, de um novo ângulo, a complexidade da produção literária, voltemos, pois, ao poema de Drummond.

O que me chamou a atenção, depois de inúmeras leituras desse texto, foi identificar, logo nos primeiros versos desse poema inaugural, traços arquetípicos do Arcano conhecido como o Eremita e de um outro, denominado o Louco.

O *Eremita* (Fig.1) é associado ao arquétipo junguiano do sábio ancião - o rei, o pai, o conselheiro. Apresenta-se como um homem que caminha á curvado, apoiado num bastão, recoberto por um manto, conduzindo na mão erguida uma lanterna que, ao mesmo tempo, o conduz. A busca, a clarividência – esses os fatores da sabedoria, que abrigamos em algum desvão le nosso ser.

No texto de Drummond, que entre outras coisas inaugura o humor que viria a se tornar um dos traços marcantes da sua poesia, esse ancião urge metamorfoseado no anjo torto, que vive na sombra – variante do ermo - guardando entretanto na íntegra a sua função de detentor do *logos*.

O ancião, que é completo em si mesmo, donde o número IX, que o caracteriza no sistema dos Arcanos Maiores, representa ainda a proteção e iniciação, identificando-se assim com a figura do hierofante.

Pois é exatamente essa a sua função no poema – a de ditar ao noviço a poesia o destino a seguir: *Vai, Carlos! ser gaucbe na vida.*

À primeira vista, pode parecer uma contradição: a voz da prudência é quem aconselha não só o caminho cortado por precipícios, mas também a atitude daquele que o percorre, o *Louco* (Fig.2).

Um dado comum na maioria dos baralhos é que ele seja personificado num jovem que mantém a cabeça voltada para trás e para o alto, como que despreocupado com o traiçoeiro chão onde pisa e com a fera que o espreita.

Enquanto o hieróglifo que representa o Eremita no alfabeto hebraico é um *telhado* – o que ratifica a proteção já sugerida pelo manto – o do *Louco* é uma *flecha em movimento oscilante*, que corresponde bem à liberdade do seu andar. Mas, como vimos, o *Eremita* representa não apenas a prudência. Antes, é ele clarividência.

E esta pressupõe uma certa audácia, um aventurar-se no sentido do desconhecido.

Daí a lâmpada – o fogo, que já em Prometeu significava também a razão, que propicia a conquista de soluções novas, fundamento do processo civilizatório.

Quanto ao número do *Louco*, é curioso que dentre todas as lâminas do *Tarot*, esta é a única que não se prende a um número determinado. Alguns sistemas situam essa carta no início, outros a deixam no fim, e essa disponibilidade, juntamente com o traje de Bobo da Corte com que aparece no *Tarot* de Marselha, é responsável pela sua transformação no Coringa dos baralhos atuais. O movimento oscilante vai bem com o fato de que ele pode situar-se em qualquer lugar, livre da rigidez imposta às demais cartas. O mais freqüente, entretanto, é localizar-se no início da seqüência, que se encerra com o Arcano denominado *O Mundo*, ou que venha imediatamente antes ou depois deste. De qualquer forma, princípio e fim também se tocam, donde se aproximarem sob certo aspecto essas duas figuras. São as únicas, aliás, que dentre as vinte e duas lâminas exibem soltura de movimento: uma caminhando a esmo à beira do abismo, outra em atitude de dança sem qualquer chão sob os pés. Mas neste Arcano nos deteremos adiante, quando considerarmos a sua relevante função no texto de Drummond.

Por ora, vamos explorar um pouco mais a figura do *Louco*. Apesar de ser por vezes considerado denotativamente, ou seja, nas qualidades negativas de louco mesmo, ou irresponsável (controvérsias devidas ao particular enfoque de sistemas diversos), é tido pelos textos mais respeitáveis de interpretação do *Tarot* como representação do *avanço irrefreável do homem rumo à evolução*, ou da *sede de saber espiritual*. Ele diz da busca empreendida por quem não se conforma em trilhar a rota batida pelo senso comum – caminho seguro mas acomodado, sem surpresas nem descobertas – que conduz todas as rodas pelo mesmo *leirão*. Ele é, portanto, aquele que *delira*, abandonando a segurança do conhecido pela liberdade

de conhecer. Daí ser tido como louco, bobo ou pobre-de-espírito, uma vez que esta é, evidentemente, a maneira mais fácil de se rotular a diferença. Mas, por outro lado, a recusa do conhecimento codificado em favor daquele obtido pela intuição, pela criatividade, é que permite a esse Arcano *significar*, ou seja, materializar pela palavra a energia pura de um sentimento ou de uma idéia. *Signo*, aliás, é um de seus vários títulos, e essa faculdade de nomear talvez seja responsável pelo fato de se considerar que esteja o *Louco* envolvido com perigosos mistérios iniciáticos. De qualquer forma, aos pobres de espírito se garante o reino dos céus, e mesmo aqui na terra, o lugar privilegiado do Bobo da Corte lhe permitia atuar junto ao rei como uma consciência subsidiária, dizendo e fazendo coisas que a outro qualquer não seriam admissíveis. E não é essa também a condição do poeta, desde os tempos em que, como aedo, lhe era facultado dirigir-se aos reis, sobrepunhando-os mesmo, como no caso de Demódoco diante de Ulisses? A complexidade dessa personagem se demonstra ainda pelo fato de que o Arcano é também conhecido pelo nome *Mat*, em italiano *Il Matto*, cuja origem está vinculada a um poder sobre o rei. Em português se diz *xeque-mate*, do árabe *sba mat* – o rei está morto. É curioso que essa personagem, que não tem um posto fixo, é exatamente a que tem o poder de imobilizar. Seja como for, há sempre algo de misterioso nessa figura, que em hebraico se conhece pela letra *Shin*, representação do Espírito Santo na Cabala. Mais uma vez, portanto, se ratifica o papel da *inspiração* atribuído ao *Louco*. O seu ar despreocupado tem algo de infantil, e sabe-se como tem sido também valorizada desde tempos imemoriais a dimensão intuitiva do homem com relação ao seu progresso espiritual. Na filosofia oriental, por exemplo, a racionalidade, princípio que divide o universo em sujeito e objeto, é empecilho à experiência da consciência cósmica, que elide a dualidade e propicia ao homem o exercício da sua condição divina. De qualquer forma, as divergências que se observam na representação desse Arcano em diferentes conjuntos de cartas – o de Marselha, o dos Boêmios, o de Crowley, o Egípcio, o Mitológico e tantos outros – não alteram as suas características fundamentais e, além disso, em todos esses sistemas, ele é considerado a carta mais poderosa, não só pelas suas qualidades intrínsecas, mas pela influência que exerce sobre as cartas vizinhas.

O *Louco*, ou o *Bobo*, é tido ainda como o elemento de ligação entre os Arcanos Maiores e os Arcanos Menores, constituídos pelas personagens da corte e pelos números de 1 a 10, dispostos em quatro naipes. E isto se deve ao fato de ser essa figura a única que pertence às duas seqüências de cartas. Além disso, como Coringa, no baralho convencional, mantém o seu prestígio, ocupando livremente este ou aquele lugar.

Mas não nos esqueçamos de que me propus uma meditação sobre o *Poema de sete faces*. Não me encontro presa, portanto, a nenhum código

em particular, que acabaria por tornar-se fim em vez de meio. Disponho-me a um exercício, a uma reflexão cujo movimento é também oscilante, entre o circunstancial, o singular, o poético, e, por outro lado, o arquetípico, o coletivo, o mítico do texto. E é assim que sinto na profecia do *anjo torto – vai, Carlos! ser gauche na vida* – a predestinação do *Louco*, que Drummond iria encarnar em sua obra poética. E não só aí, mas na sua própria conduta de cidadão, que nas relações sócio-econômicas desprezou a tradição familiar, tornando-se um *fazendeiro*, sim, mas *do ar*. É verdade que, numa demonstração do quanto estão mescladas as dimensões biográfica e artística, essa expressão mesma – *Fazendeiro do ar* – viria constituir o título de um dos livros do Poeta, publicado juntamente com os anteriores na década de cinqüenta. E nesse *fazer*, que guarda toda a força do grego *poiêin* – fazer, produzir, criar – Drummond optava por expor-se ao riso, como ele mesmo diria anos depois no *Canto ao homem do povo Charles Chaplin*:

Era preciso que um poeta brasileiro,
não dos maiores, porém dos mais expostos à galhofa –

Em outras palavras, optava por expor-se às garras do público e dos críticos, sem dar importância aos perigos do caminho e se permitindo a liberdade de expressar-se segundo uma necessidade interior, o que condizia, aliás, com as reivindicações estéticas do expressionismo, já assumidas em nossa literatura pela poesia de um Mário de Andrade e de um Manuel Bandeira. Esse caminho mesmo viria a ser objeto de um dos mais escandalosos textos de Drummond – *No meio do caminho tinha uma pedra* – que tantas pedradas recebeu.

O termo *gauche*, escolhido pelo Poeta para designar tal comportamento insólito, tem sido objeto de numerosas e penetrantes análises. Algumas vezes, abordam a independência de conduta pela via da conotação política que o termo apresenta em francês – a ideologia revolucionária da esquerda, que também abraçou, mas mais freqüentemente reduzem o termo ao sentido oposto de timidez. Não se trata de contradição. O principal traço – a diferença – aí se preserva em ambas as leituras. O caráter engajado da poesia de Drummond, não apenas naqueles anos de comoção internacional provocada pela guerra, mas no cotidiano da nossa sociedade rural e urbana, assegura-lhe um lugar dos mais destacados na *gauche* brasileira, de que ele foi, inclusive, um militante. Por outro lado, alguns de seus poemas conduzem o leitor a considerar não *a esquerda*, mas *o esquerdo*, nome que geralmente se dá a uma pessoa de natureza introvertida. Este poema mesmo, de que estamos tratando, permitiria tal redução, isto sem mencionar o dado biográfico, que possivelmente estaria na base dessa interpretação.

Seja como for, estamos diante de um juízo assumido pelo Poeta em um ato de auto-reflexão, uma categoria criada pelo *ego* ao debruçar-se sobre si próprio, qualquer coisa como o lugar-comum “*eu sou uma pessoa que...*” a qual, muitas vezes, nada tem a ver com essa mesma pessoa enredada na fantasia de uma auto-imagem. Esse clichê, aliás, é prazerosamente assumido no texto, quando, logo adiante, o Poeta atomiza esse sujeito que se julga, dissecando aspectos vários do seu modo de ser.

Nessa auto-análise, o Poeta contrapõe a *sensualidade*, contida nos olhos gulosos de pernas, ao *sentimento*, implícito no fato de atordoar-se o coração diante da multiplicidade do objeto de desejo. De um lado, a mulher é considerada metonimicamente, um puro objeto sexual, de outro lado a mulher é vista como pessoa, merecedora de amor. Ainda em traços caricaturais – outro reflexo da estética expressionista, que tão bem se adapta à veia humorística do Poeta – surge a Persona, aquele *homem atrás dos óculos e do bigode*. É ela que sustenta, como uma barreira, a impassibilidade do casmurro cidadão.

Mas por detrás ainda dessa pretensa incomunicabilidade, lá no fundo, encoberto por outras máscaras, ecoa o milenar grito dos *Salmos*:

Até quando te esquecerás de mim, Senhor? para sempre? Até quando esconderás de mim o teu rosto? (13);

Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? por que te alongas das palavras do meu bramido, e não me auxilias? (22); Não me desampares, Senhor, meu Deus, não te alongues de mim. (38);

Inclina, ó Deus, os teus ouvidos à minha oração, e não te escondas da minha súplica. (55);

Deus, por que nos rejeitaste para sempre? (74);

No texto de Drummond, entretanto, é ainda o humor que reduz a súplica a um desafio:

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Longe de constituir um relato anedótico, como foi recebido de início por leitores condicionados aos padrões acadêmicos dominantes, o poema comunica um anseio pela integridade humana, pela harmonia, que se traduz pelo Arcano *O Mundo* (Fig.3), invocado logo a seguir –

Mundo mundo vasto mundo

Como vimos na breve referência de início, este é o último da série dos Arcanos Maiores, e compreende-se que assim seja, porque a sua função é de síntese. Ele representa a completude, a harmonia do cosmos e, portanto, a realização, alegria, felicidade – a gratificação máxima atingida pelo ser humano.

A lâmina mostra, nos cantos, a cabeça dos quatro animais herméticos: o leão, o touro, a águia e o anjo. Estão separados do centro por uma guirlanda em forma oval, e aí se vê uma figura jovem de mulher, em atitude de dança, com a perna esquerda dobrada e os braços abertos, graciosamente. Em cada mão uma varinha, em perfeito equilíbrio.

O signo correspondente a esse Arcano é *Tau*, geralmente considerado como a conjunção dos opostos, um emblema da perfeição, da salvação e da vida eterna.

É esse sentido de conjunção de opostos que faz com que muitos intérpretes vejam na faixa esvoaçante que envolve a jovem o indício de que, se apenas o sexo permanece coberto, isto se deve à natureza hermafrodita da figura. Ela é primordial e, por isso também, a elipse que a separa do mundo desenha o ovo cósmico, sendo que em alguns baralhos ela é formada por uma serpente que morde a cauda – a *Uroboros* – igualmente símbolo de autoconhecimento.

Em se tratando de interpretação, é fácil admitir que as versões se sucedam.

Mas o que aqui foi relacionado cumpre o objetivo deste trabalho. A invocação ao mundo, feita de modo tríptico e por duas vezes, num poema de tão poucos versos, deixa entrever pelo *humor* um traço de amargura:

Se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.

E o que o impede de alcançar o *Mundo*, ou seja, o equilíbrio, a completude, a harmonia e a paz, é o descontrole das emoções. Tudo isto prepara o caminho para a estrofe final, presidida pelo Arcano *A Lua* (Fig.4).

Como no caso anterior, o corte é brusco entre uma e outra estrofe. E a confissão vem assim, como a meia voz, na intimidade já travada entre o texto e o leitor:

Eu não devia te dizer
mas esta lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

A bebida é apenas uma combinatória, uma variante da embriaguês que a lua, ela só, já provoca.

E mais do que embriaguês: em se tratando da lua o seu poder é de enfeitiçamento. Daí que esta carta seja considerada vulgarmente como das mais nefastas, senão a mais perigosa de todas as cartas do *Tarot*.

O ambiente é noturno e a lua representada na sua fase decrescente, ostentando um rosto humano. Ao fundo, duas torres, que abrem caminho para o desconhecido.

Dois animais, tidos como um lobo e um cão, apresentam a cabeça voltada para cima, lembrando o uivo que a lua lhes costuma provocar.

A parte inferior da lâmina é tomada pela água parada, onde um caranguejo se mantém a meio submerso. Esses indícios convergem para a crença de estar a lua intimamente ligada ao inconsciente, que apesar do uivo, nunca se mostra francamente.

Assim também o caranguejo, mal aborda a toca, ao fundo regressa.

Sendo esse Arcano, dentre todos, o que mais conota o universo fantasmático, é natural que a ele se associem certos distúrbios neuróticos e que o povo, em geral, pense logo em loucura.

Basta considerar a expressão *lunático*, com que se designam as criaturas de exceção.

Mas, por outro lado, é também desse poço que se alimenta o imaginário, e com ele, a insatisfação, a busca de uma realidade diversa e não adversa. É a lua que preside ao *desejo* e também ao *insight*, à intuição, matriz de todo ato criador, quer nas artes, quer no trabalho científico. E em meio à perturbação e à angústia, à beira do colapso mental – esse também é o espaço em que, muitas vezes, se processa o progresso espiritual. Mas há sempre o medo de nos acercarmos do poço – atitude que não é apenas individual, e sim reflexo dos medos primordiais do inconsciente coletivo. Na maioria dos casos, tendemos a ignorar o que há de selvagem em nós. A bordagem, entretanto, acaba se fazendo, quer em sonhos, quer em elaboração psicanalítica, em trabalho de meditação profunda, ou pelo uso de drogas. E por que não considerar também aí a criação artística, particularmente a poesia, uma vez que a *inspiração* se confunde, muitas vezes, com *revelação*? O texto de Drummond constitui um belo exemplo de como o caranguejo consegue contornar as bordas do poço, ainda que não logre abandoná-lo de vez.

Antes de voltarmos ao Arcano *O Mundo*, cuja função relevante no texto já foi mencionada de início, uma palavra ainda quanto à expressão *comovido como o diabo*, que encerra o poema.

Diabo é o nome do Arcano XV (Fig.5), vulgarmente conhecido como encarnação do Mal, que traz o homem e a mulher acorrentados após a queda.

Mas, justamente por dicotomizar as ações entre o bem e o mal, ele é também o representante da análise, da crítica e da lógica. É das mais

complexas a interpretação desse Arcano, mas não vou me deter nele pelo fato de que a palavra *diabo* aparece aqui descontextualizada, numa expressão que equivale a *comovido demais, comovido pra burro, comovido como o quê*.

Considere-se, entretanto, que o campo semântico dessa estrofe tem caráter involutivo.

Assim, a escolha de *como o diabo* em vez de, por exemplo, *pra burro*, tem a sua razão de ser: o sentido do Arcano reforça esse campo, concorrendo para o clima apaixonado já introduzido pela presença da Lua. Mas o que marca o poema de uma maneira extraordinária é o anseio pelo equilíbrio, caracterizado pela invocação ao *Mundo*, palavra seis vezes repetida em apenas uma estrofe.

E aqui passamos a outro texto, publicado por Drummond cerca de trinta anos depois do *Poema de sete faces*.

Falo de *A máquina do mundo*³ extenso poema em tercetos, marco na trajetória do Poeta:

E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco

se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas

pausadamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,

a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.

Abriu-se majestosa

Este é um poema que vem de muitos outros: de outros tempos, de outros poetas e de outros textos do próprio Drummond, donde se iniciar com uma aditiva e acumulá-las ao longo da narrativa. Como no início da viagem, quando chamou a si mesmo de *gauche*, continua o Poeta a caminhar *vagamente*. A tarde, porém, já não se tinge de desejos. Nem mesmo é azul, mas cor de chumbo, esfumando-se numa noite em que se identificam o homem e a natureza. O ponto em *carpia* não finaliza nada, é apenas uma pausa que enfatiza pela repetição o ato de abrir-se afinal o estranho engenho. Se compararmos este texto com o que vínhamos considerando, veremos que é grande a diferença entre a insegurança angustiada do primeiro e a serena autoconfiança do segundo. É claro que isto não significa princípio e

fim na carreira de Drummond. Este poema situa-se lá pelo meio de sua obra, mas caracteriza de maneira muito feliz a sua maturidade. O *Mundo – essa total explicação da vida, esse nexo ...* – tão ansiosamente perseguido um dia por um sujeito a se debater no poço das energias represadas, é o mesmo que agora se oferece, invertendo-se a relação.

A jornada foi longa e o Poeta, iniciado no caminho e amadurecido pelas provas, e provações, experimenta uma nova dimensão existencial em que nem mesmo se reconhece:

e como se outro ser, não mais aquele
habitante de mim há tantos anos,
passasse a comandar minha vontade –

Tudo no poema transcende a harmonia, equilíbrio, desapego. Nenhuma diferença entre o *sujeito* e o *mundo*. Interior e exterior afinal se confundem, passando-se da dualidade à unidade, ao *Um* que, paradoxalmente, é o *Todo*. Assim, fala pelo Poeta o verso camoniano, quando diz:

Transforma-se o Amador na coisa amada,
em virtude do muito imaginar –

e falam também por ele os emblemas medievais, mostrando que não é o chegar que importa, mas o *navegar* é que é preciso.

O desprendimento, entretanto, assume nas últimas estrofes um certo ar de desprezo pelo *dom tardio*:

baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.

Pode-se dizer que a maneira ostensiva com que o Poeta fala de seu desapego poderia trair ressentimento, o que viria toldar o equilíbrio que ressaltamos no *Mundo* como valor arquetípico representado pelo Arcano XXI. Mas nenhuma emoção perturba o tom do poema, nenhuma alteração se verifica no ritmo, pelo contrário, os últimos versos retomam o primeiro, numa perfeita estrutura circular. Tudo isto, portanto, são *significantes* que minimizam o *significado*; são traços da *enunciação* que desmentem o *enunciado*, deixando claro que o texto não é mais que um processo. O desapego, associado ainda ao reconhecimento de se ter tornado um outro ser, me lembra o Querubínico Andarilho, evocado por Lacan a propósito da conclusão feliz de uma análise. Refere-se ele a *um declínio imaginário do mundo* e mesmo a *uma experiência vizinha da despersonalização*,

momento em que *decai o contingente – o acidental, o traumatismo, as arestas da história...* Desse clima, que é exatamente o do poema de Drummond, se pode dizer, afinal, com Angelus Silesius⁴:

. quando o mundo passa,
então sucumbe o contingente, e é a essência que subsiste.

E é a essência também que o Poeta celebra em *Relógio do Rosário*, poema em dísticos – o metro originário da elegia – publicado juntamente com *A máquina do mundo*. Depois de percorrer o *âmago de tudo*, e de concluir que

nada é de natureza assim tão casta
que não macule ou perca sua essência
ao contacto furioso da existência –

o Poeta finaliza o texto com um *Mas...*, que restabelece o equilíbrio:

Mas, na dourada praça do Rosário,
foi-se, no som, a sombra. O columbário
já cinza se concentra, pó de tumbas,
já se permite azul, risco de pombas.

Permanecemos, portanto, sob a égide de *O Mundo*, em que se harmonizam os opostos e o todo é algo mais do que a soma das partes. O número sete, presente no primeiro poema de Drummond, já trazia a marca da totalidade, mas com o detalhe de referir-se ao fechamento de um ciclo, que se completa e pressupõe uma constante renovação. E era esse o clima em que o livro se lançava, e lançava-se também o Poeta na carreira literária. Quanto ao Arcano *O Mundo*, repousa igualmente sobre o movimento, mas este é antes equilíbrio do que sucessão. Trata-se do movimento necessário à estabilidade, à permanência, como no caso da respiração, ou o ritmo do coração, o das marés, o dos astros: um vai-e-vem cósmico, sem surpresas. Ao publicar-se *A máquina do mundo*, o Poeta, então um nome consagrado na literatura nacional, já se permitira múltiplas experiências, desde a liberdade dos anos trinta até o exercício de todos os metros, e as sofisticadas técnicas de *Claro enigma*; já experimentara a busca ansiosa de uma noiva *loura morena / preta ou azul / uma noiva verde*, porque o amor *não pode esperar* – como também o encontro do amor maduro, onde se anula o ego entre o ser e o não ser:

*Pois que tenho um amor, volto aos mitos pretéritos
e outros acrescento aos que amor já criou.*

Eis que eu mesmo me torno o mito mais radioso
e talhado em penumbra sou e não sou, mas sou.

Toda essa completude, essa segurança, é por certo um marco na trajetória do Poeta. Historicamente não é o fim, como há pouco observamos, nem mesmo se situa na metade do caminho por ele percorrido, e, como todo ponto culminante, é passível de declínio e de reinício. De qualquer forma, porém, a harmonia desse momento se projeta sobre a sua obra inteira.

Drummond deu a seu primeiro livro o título *Alguma Poesia*. Certamente já contava ele próprio com a reação do público, pronto a dizer que aquilo não era poesia nenhuma. Daí, pelo menos alguma... E nesse *alguma*, quanta poesia!

E foi justamente essa qualidade do texto, que o torna ímpar, único – que me levou a fazer esta leitura. Tudo o que falei aqui sobre Arcanos e sua relação com os textos lidos não teria qualquer interesse, se nos próprios versos não se refletisse a caracterização das cartas. O que não se pode esquecer, entretanto, é que os valores coletivos com que trabalhamos, e que aparecem figurados nos diferentes Arcanos, não são entidades metafísicas, mas funções psicológicas. É claro que o texto se basta e não haveria nada a buscar fora dele. Se me vali de referências codificadas em determinado sistema de cartas, foi para mostrar o outro pólo da poesia, ou seja, um denominador comum, qualquer coisa que se compartilha com o outro e que, portanto, caracteriza uma vivência universal, que pode ser dita de maneiras diversas, em metanarrativas cuja reversibilidade é a mesma do mito. As barreiras culturais são responsáveis pela diferença, mas não são bastantes para impedir a transmigração das unidades de sentido, ou, quem sabe? a emergência desses valores arraigados na mente humana.

Como já ressaltai tantas vezes, o poema, este é sempre singular: um tom, um giro de frase, uma certa maneira de dizer a experiência e a aventura, o conhecido e o insólito, o mundo em constante redescoberta, a linguagem em permanente renovação. Nada existe de poético para além das palavras, nem aquém do discurso, e ninguém melhor do que Drummond soube dizer isto. Nem mesmo são poéticas as palavras, mas o elo que as mantém suspensas de uma certa combinação, de uma certa magia. Como todos os pontos, porém, estes também se completam, envolvendo-se a poesia e o mito numa *lógica panorâmica* em que o *Um* e o *Todo*, mais uma vez, se confundem.

Como vimos, o *gauche* meteu no embornal os códigos literários já gastos de tanto manuseio pela virada do século, e não teve medo de se por caminho e a ele se expor. Não buscou a facilidade das estradas, das rotas batidas, mas perambulou a sua inspiração pelo desconhecido, alimentando-

a com o que trazia de dentro e com tudo aquilo que via, com as novidades que lia e os clássicos que lia, sem se preocupar com os perigos do caminho e com os ataques à espreita. E porque cumpriu à risca a profecia do *anjo torto*, mais que hierofante e protetor – um *alter ego* – exerceu ele plenamente a sua missão de poeta.

NOTAS

- ¹ Evangelho segundo São João, VIII, 25, *apud* LACAN, *Ecrits*, Seuil, Paris, 1966, p. 266.
- ² DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos, *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1955, p.9.
- ³ _____, “A máquina do mundo”, in *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*, op. cit., p. 505.
- ⁴ *Apud* LACAN, Jacques, *Le Séminaire, Livre I*, Seuil, Paris, 1975, p. 258.

BIBLIOGRAFIA

Apesar de ter consultado vários textos sobre o assunto, minhas referências se prendem sobretudo aos seguintes:

Evangelho segundo São João, VIII, 25, *apud* LACAN, *Ecrits*, Seuil, Paris, 1966, p.266.

CAVENDISH, R., *The Tarot*, Chancellor Press, London, 1986.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos, *Fazendeiro do ar & poesia até agora*, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1955, p.9.

_____, *A máquina do mundo*, in *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*, op. cit., p.505.

LACAN, Jacques, *Le Séminaire, Livre I*, Seuil, Paris, 1975, p.258.

HIOELLER, Stephan A., *Os Arcanos Maiores do Tarot e a Cabala*, trad. de Cláudia Gerpe, Pensamento, São Paulo, 1993.

JUNG, C.G., *Psicologia e Alquimia*, trad. de M. Luiza Appy, Margareth Makray e Dora M.R.F. da Silva, Vozes, Petrópolis, 1991.

- JUNG, C.G., *Mysterium Coniunctionis*, trad. de Frei Valdemar do Amaral, O.F.M., idem, idem, 1985.
- MEBES, G.O., *Os Arcanos Maiores do Tarot*, trad. do russo de Marta Pécher, Pensamento, São Paulo, s/data.
- SADHU, Mouni, *O Tarot*, trad. do inglês de Carlos A. Salum, Edições Siciliano, São Paulo, 1993.
- SHARMAN-BURKE, Juliet e GREENE, Liz, *O Tarô mitológico*, trad. de Ana M. Dalle Luche, Edições Siciliano, São Paulo, 1989.
- WAITE, Arthur E., *The pictorial key to the Tarot*, Rudolf Steiner Publications, New York, 1971.

ILUSTRAÇÕES











